

**Marcela Toledo França de Almeida**

Creation, invention: there is nothing more real than this body that I imagine; there is nothing less real than this body I touch that turns into a heap of salt or vanishes into a column of smoke. With that smoke my desire will invent another body.  
(Octavio Paz)

Dentre os temas da inacessibilidade poderíamos começar pela discussão sobre as limitações do trabalho de psicanálise nas instituições públicas, porém, como proposta do presente artigo, esse tema se estenderá sobre o inescapável da inacessibilidade do trabalho de psicanálise em todos os espaços em que ela se realiza em processo.

A questão a ser apresentada surge a partir de um atendimento clínico interno a um órgão, numa instituição de ensino de psicologia. Apresento o que se fez questão a partir do caso de Elvira, uma senhora que, sem muita certeza, diz contar mais de 50 anos de vida. Ela chega até o órgão à procura de atendimento psicológico para sua filha adotiva. Por um tempo é sua filha quem recebe a atenção da psicanalista, mas com o passar dos meses Elvira apresenta o seu desejo de ser escutada.

O início de seus atendimentos não consta mais de 4 meses. Ela se apresenta como aquela que de herança recebeu o “dom do sofrimento”. Em toda a sua vida apenas sofreu na mão dos “animais”, seus familiares. Diz não se parecer com eles e sofre por não ter conseguido fazer dos seus filhos pessoas mais educadas.

Ela não se lembra de ter vivido uma vida sem abusos sexuais, sempre cometidos pelos seus irmãos. O primogênito morreu acreditando ser ela a mulher da sua vida e o segundo, ao perceber o seu sofrimento, deixou de abusar de seu corpo. Seu sofrimento é enfatizado pelas lembranças de abandono dos pais. Suplicava para não ir para a roça sozinha com seus irmãos, mas a mãe lhe dizia que se algo estivesse

acontecendo é porque ela deixava. Ela reclama pela falta do pai e pergunta se ele não deveria ter “cuidado disso”, cuidado para que ela não fosse abandonada ao real de seu corpo. Quando jovem tentou escapar e só podia fazê-lo pela desculpa de cuidar de algum doente da família. Procurou ajuda médica, e lá também foi violentada. Ao longo dos anos a violação acontece de várias formas em sua vida e ela permanece em busca de encontrar uma resposta por meio de uma instituição que a oriente em sua dor e na de seus filhos.

Apesar de todo o abandono, Elvira permanece demandando das instituições uma resposta que mude a ordem dos fatos. Inicia todas as sessões dizendo que só a morte a livrará dessa vida de sofrimento. Sua fantasia gira em torno dos cuidados. Diz que na passagem para a morte cuidou de quase todos que a fizeram sofrer. Esse é seu pacto com Deus: ela cuidará de todos que precisem dela e em troca ela receberá uma morte tranquila.

As narrações dos horrores pelo qual passou se limitam a um ponto de silêncio. Em seu discurso o silêncio é atravessado pelo desejo da morte: “só a morte me livrará dessa vida de sofrimento”. Com essa frase ela pontua o inacessível de seu sofrimento e aponta para mais. Como dizer mais? A imagem é fixa e se repete em sua crueza.

Instauram-se algumas questões. Como um corpo vivido como carne, nas primeiras relações de um sujeito, pode vir a ser um corpo pulsional e se estabilizar frente ao horror da queda, se distanciar do desamparo original? Que objeto é esse que faz com que o sujeito se fixe e transite entre o imaginário e o simbólico na experiência do real? Ela deseja, mesmo que seja a morte. Um desejo a guia em busca de uma outra ordem institutiva.

Ela procura falar a alguém, algum profissional que tenha um saber, procura na linguagem um apoio para seu corpo. Sabe-se que fora da linguagem, o corpo não é percebido como unidade, mas como fragmentos caóticos que, por meio da necessidade física de um corpo vivido apenas por órgãos fragmentados, o suposto sujeito sofre com o excesso de energia que circula sem direção. O corpo fragmentado requer a construção de um contorno, um limite que organize o insuportável do sem-sentido.

No insuportável das primeiras experiências de vida encontra-se a noção do estado de desamparo que em Freud diz respeito à experiência de dependência extrema do outro. Essa experiência é a marca do trauma, pois o acúmulo de energia supera a possibilidade de uma resolução por meio do trabalho psíquico. No desamparo, o trauma se apresenta.

O desamparo, aqui tomado como ponto traumático, apresenta-se num estado de não-limites do sujeito, no qual ele se percebe num caos em que sua energia circula sem direção. Mas será na relação com o Outro, esse que não é da ordem do especular ou do semelhante, mas da ordem do simbólico, que o sujeito poderá encontrar o desejo e a possibilidade de organização da sua energia.

A *linguagem* coloniza um território por meio de suas marcas, possibilitando um *traçado*. Ao dizer o que falta, a fantasia traz ao sujeito a realidade e o real não lhe alcança de forma devastadora, mas é mediado pelos significantes que estruturam a fantasia. A fantasia estruturada pelo simbólico, mantém as imagens em deslizamento na cadeia de significantes sem se cristalizar: uma estrutura móvel que não se encontra presa ao imaginário. Trata-se de movimento que segue o percurso para encontrar esse *Outro originário* que não será alcançado.

Nesse ponto de marcação da falta, comum a todos os seres humanos, a arte se aproxima da fantasia. Por meio delas, a falta se apresenta inevitavelmente como aquilo que escapole, como o resto que traça as produções humanas. Assim como toda produção humana, a arte se mantém em tensão sem conseguir preencher o vazio que ela denuncia. A arte traz à tona o desconforto e não o resolve, mas mantém a tensão para que esse se desenvolva na travessia da fantasia.

A ilusão oferecida pela obra de arte é cercada por um fio frágil, lesionado por um espaço distinto da criação de um vazio revertido num espaço de criação de ilusão. Lacan sugere que, por meio de um espaço de ilusão, o artista faz desse um *suporte* para a realidade, cingindo a Coisa (*das Ding*). Não se trata de uma tentativa de recriar o espaço vazio, de representar a Coisa. Ao contrário, seria a criação de um contorno dela pela arte, uma distinção da heterogeneidade do que se pode apreender e do inapreensível pela construção de uma borda.

Algo escapa até mesmo à imagem, mas o inescapável é a própria inacessibilidade do conteúdo em sua totalidade. Como dar forma ao inacessível? A paciente em questão

me remete ao trabalho de Cindy Sherman, *Untitled film stills*. Como frente às suas cenas fotografadas, aguardo o que essa mulher que vê algo que não posso ver, me fale sobre sua dor e seu gozo nessa posição que ainda não se fez cena móvel, e se mantém em *stills/still*, um corpo ainda em queda.